

Estágio supervisionado em ciências biológicas nos contextos não escolares: reflexões e subsídios para uma agenda investigativa

Supervised stage in biological sciences in non-school contexts: reflections and subsidies for a research agenda

Maria Cristina Ribeiro Cohen
Universidade Federal do Triângulo Mineiro/ UFTM
criscohen@gmail.com

Resumo

Neste estudo, problematizamos os múltiplos sentidos da produção discursiva dos estagiários do curso de ciências biológicas no acesso às instituições museológicas. Segundo a perspectiva bakhtiniana, identificamos (i) como práticas sociais se entrelaçam na construção de lugar social e de alteridade; (ii) quais os indícios de marcas enunciativo-discursivas de outras redes sociais fora da família e da escola na constituição de sentidos e da identidade profissional na área de educação em ciências. Nossos resultados ratificam a discussão proposta em Brasil (2009), com as tipologias encontradas; primeiramente, “*Museu como lugar de memória*” e de modo incipiente, os significados de “*Museu como espaço de pesquisa e produção de conhecimento*” e “*Museu como espaços de cidadania*”. Reiteramos a necessidade de discussão advindas da relação entre as ciências e o museu.

Palavras chave: lugar social, alteridade, pratica social, ações formativas, contextos não escolares

Abstract

In this study, we discuss the multiple meanings of discursive production of the biological science students in the access to museological institutions. According to the Bakhtinian perspective, we identify (i) how social practices intertwine in the construction of social place and otherness; (ii) what are the indications of enunciative-discursive marks of other social networks outside the family and the school in the constitution of meanings and the professional identity in the area of science education. Our results confirm the discussion proposed in Brasil (2009), with the typologies found; Firstly, "Museum as a place of memory" and in an incipient way, the meanings of "Museum as a space for research and production of knowledge" and "Museum as spaces of citizenship". We reiterate the need for discussion arising from the relationship between the sciences and the museum.

Key words: social place, alterity, formative actions, social practice non-school contexts

Motivações e Objetivos do Estudo

A motivação para o presente estudo origina-se de experiências desenvolvidas no estágio curricular supervisionado¹ em dois períodos acadêmicos do curso de licenciatura em ciências biológicas de uma Instituição Pública de Ensino Superior, localizada da região sudeste do país. O conteúdo está relacionado com (a) caracterização de espaços educativos formais e não formais e (b) identificação dos papéis atribuídos aos sujeitos presentes nos diferentes contextos educativos. Os objetivos a serem alcançados no desenvolvimento deste componente curricular são: conhecer, de forma abrangente, contextos educativos diversificados em que o ensino de ciências e biologia se faz presente; identificar problemas das realidades científica e cotidiana dos espaços educativos visitados; promover o olhar crítico quanto às modalidades de ensino observadas nos diferentes contextos, buscando relacionar concepções de ensino com práticas pedagógicas; estimular o pensamento quanto à realização de modalidades alternativas de ensino em substituição ao naturalizado no cotidiano escolar; desenvolver uma postura investigativa e olhar analítico frente a estas modalidades, comparando-as entre si e com os estudos descritos na literatura; além de ampliar a experiência no campo docente, viabilizando vivências em espaços educativos formais e não formais que poderão subsidiar as futuras escolhas profissionais. Como afirma Barzano (2008), as universidades brasileiras, em geral, estão formando docentes para atuarem em um único modelo de instituição de ensino, enquanto que há diversos outros espaços diretamente associados ao ensino de ciências/biologia que possibilitam ampliar a área de atuação profissional. Ainda de acordo com o autor (2008, p 3):

...chama-se a atenção de que as ementas das disciplinas desta área, na maioria das universidades brasileiras, privilegiam a escola como espaço para que os licenciandos desenvolvam as atividades do estágio supervisionado. Sendo assim, esses alunos, futuros professores, estarão se formando ainda, apenas para atuarem em um modelo de instituição de ensino.

A proposição de múltiplas atividades em espaços educativos não formais manifesta-se a partir da preocupação da orientadora do componente curricular “*Estágio Supervisionado*” e autora da investigação, com relação à formação e atuação dos futuros docentes. Tal inquietação tem levado ao aprofundamento das questões² em que o estágio supervisionado em contextos não escolares se entrelaçam para buscar entender como tem sido (i) realizada a formação inicial e (ii) as propostas de ações de observação e intervenção em diferentes instituições museológicas ofertadas na região e arredores. Assim sendo, surge a necessidade de tencionar discussões acerca dos sentidos construídos pelos estagiários sobre contextos não escolares possibilitadores de futura atuação profissional. Os tópicos³ possuem o caráter de nortear os contatos para os futuros encontros, considerados estruturantes como práticas sociais. São eles: (1) Onde costuma ir aos finais de semana?; (2) O que costuma fazer com sua família para se divertir?; (3) Você já foi a algum museu? Quais? Quando? Qual o objetivo da visita?; (4) Você conhece algum museu que fale sobre ciências? Quais?; (5) O que são museus para você? Mas, o que é um museu? Para que você acha que existem essas instituições? A que os museus se dedicam?; (6) Quais as suas funções? Quem são seus visitantes?; (7) O que você gostaria de ver em um museu?; (8) Em sua opinião, de que maneira pode ser estabelecida uma relação educativa entre museu e escola e entre escola e museu?

¹ Orientação ao Estágio Supervisionado I - componente curricular obrigatório com 1 h/a semanal e Estágio Supervisionado I - componente curricular obrigatório com 7 h/a por semana, totalizando 120 horas [15 semanas].

² Formulações tanto em grupos de estudos quanto como coordenação do Núcleo de Estudos e Análises do Estágio Curricular/NEA – UFTM.

³ Adaptado de Pugliese, A; Martins, L.C.; Lourenço, M. F. (2015, p 26).

Caracterização de espaços educativos não formais

Ao explicitar as vivências em espaços educativos formais e não formais que poderão subsidiar as futuras escolhas profissionais, apresentamos de modo sucinto, aspectos conceituais da educação em instituições museológicas, que a partir da definição do Conselho Internacional de Museus/ICOM (1997), são identificados como:

(...) uma instituição permanente, sem fins lucrativos a serviço da sociedade e de seu desenvolvimento, aberta ao público, que adquire, conserva, investiga, difunde e expõe os testemunhos materiais do homem e seu entorno para a educação e deleite do público que o visita (...) inclui as instituições que conservam coleções e exibem exemplares vivos de vegetais e animais, como os jardins botânicos e zoológicos, aquários e viveiros.

Considerados, portanto, como espaços de educação não formal, esses locais possuem forma própria de desenvolver as dimensões comunicativa, educativa e de pesquisa. Museus, Jardins Botânicos e Jardins Zoológicos, Parques Naturais [Áreas de Proteção Ambiental], Bibliotecas [e brinquedotecas], Arquivo Público Municipal e Fundações Culturais são alguns exemplos dos espaços⁴ que promovem ações educativas. Essa distinção busca diferenciá-los das experiências formais de educação, como aquelas desenvolvidas no campo escolar e das experiências informais associadas aos ambientes cotidianos familiares, de trabalho, do clube etc, de um modo geral.

Segundo Marandino, Selles e Ferreira (2009), os espaços educativos não escolares na área das ciências ganharam mais importância à medida que o desenvolvimento científico e tecnológico da sociedade aumentava, assim como a necessidade de “alfabetizar” cientificamente os diferentes estratos sociais. Estes contextos ao atingir um público heterogêneo e possibilitar relações diversas com o ensino de ciências e/ ou biologia, contribuem para divulgação e difusão dos conhecimentos científicos com explicações sobre diversas áreas assim como a prestação de serviços socioambientais não impetrados pelo poder público.

Relações entre natureza motivadora situacional do enunciar na perspectiva da Filosofia da Linguagem de Bakhtin

Com destaque para a problematização de possíveis ações investigativas coerentes com as perspectivas da pesquisa em educação em ciências, no presente artigo optamos por (i) analisar as possíveis configurações de relação entre *voz social*, *lugar social* e *alteridade*, decorrente da socialização familiar ou de outras instâncias de práticas sociais que atuam na decisão das práticas de visita e (ii) discutir acerca do perfil dos licenciandos, por considerarmos que estes, ao reiniciar as atividades nos estágios subsequentes⁵, devem fazer uma breve análise onde realizarão o campo de prática, além dos hábitos culturais de visita a museus tanto dos alunos da escola básica quanto das suas famílias.

Portanto, buscamos nas perspectivas histórico-culturais para o estudo da linguagem (BAKHTIN, 1986 e 1979/2003), dispositivos para a análise de expressões dos estagiários, creditando na linguagem não apenas o seu aspecto comunicativo, mas também seu caráter constitutivo de sujeitos envolvidos nas interações verbais. Com base nesses pressupostos teóricos, ao enfatizar o caráter

⁴ O Conselho Internacional de Museus – ICOM considera os zoológicos, jardins botânicos e centros de cultura científica como museus (Garcia e Marandino, 2003, p. 159). O ICOM é uma organização internacional ligada à UNESCO, fundada em 1946, que congrega museus e profissionais de museus. Ao ICOM está confiada a preservação e a difusão do patrimônio mundial - cultural e natural, presente e futuro, material e imaterial - para a sociedade (BRASIL, 2009).

⁵ Os estágios supervisionados são ofertados nos quatro últimos períodos acadêmicos, num total de 480 horas.

social e histórico das produções discursivas, entendemos a linguagem em duas dimensões: (a) como mediadora nos processos de constituição e elaboração conceitual dos sujeitos e (b) como problematizadora de questões relacionadas com os contextos nos quais as enunciações ocorrem. Nesse aspecto, os sentidos de um discurso não são dados a priori; ou seja, são criados na interação dialógica destinador – destinatário, sob a influência do momento sociohistórico e cultural em que eles acontecem. De acordo com esta visão, não é possível apreender as intenções discursivas sem quem se faça relação com seu contexto de produção situacional, imediato ou mais amplo. Cada sujeito tem o seu papel enquanto agente modificador na atividade social, como parte do grupo social a qual pertence.

Um dos conceitos centrais do pensamento bakhtiniano é o de "voz" - na perspectiva do falante - e está relacionado à visão de mundo, ao horizonte conceitual, ao lugar social do enunciador. Este conceito vai permitir definir, a partir do dialogismo, a polifonia da palavra (BAKHTIN, 1986). De acordo com este conceito, uma enunciação contém e revela inúmeras vozes sociais. Portanto, uma enunciação pode constituir-se desta forma por diferentes vozes sociais, que correspondem a diferentes visões de mundo, ou seja, formas de conceituar o mundo em palavras, cada uma caracterizada por seus próprios objetos, sentidos e valores (COHEN e MARTINS 2008, p. 54). O discurso não nasce do sujeito, mas numa relação dialógica e numa relação de sentidos com outros discursos. Trata-se da memória semântico-social depositada na palavra. Deste modo, é da concepção de interação discursiva como acontecimento fundamentalmente sócio-axiológico que emerge a concepção bakhtiniana de linguagem, isto é, de um conjunto múltiplo e heterogêneo de vozes ou línguas sociais. Para se transformar em autor, o sujeito tem de assumir, dentre as muitas que transitam em sua consciência, uma posição axiológica; isto é, tem de assumir uma voz social. A partir desta voz social, mobiliza múltiplos enunciados constituídos por diferentes vozes sociais e constrói seu produto discursivo.

A alteridade na produção de sentidos

Envolvida na perspectiva de orientação dialógica com vinculação de linguagem e axiologias presentes no pensamento bakhtiniano, destaco a importância do elemento *alteridade* na constituição da produção discursiva, pois todo o discurso se dá e se organiza em função do outro, isto é, a partir da noção do Outro. Na visão bakhtiniana, a *alteridade* é condição de identidade – os outros constituem dialogicamente o *eu* que se transforma dialogicamente num outro de novos *eus* (FARACO, 2001, p. 125). É na *alteridade* que o ser humano se define, pois o *outro* é imprescindível para sua concepção. Ou seja, a *alteridade* precede e é constitutiva da identidade.

Cenário acerca das tipologias dos museus e outros espaços conhecidos e/ou frequentados pelos estagiários – o que dizem esses licenciandos

Como delimitado anteriormente o *corpus*, oito tópicos foram apresentados a duas turmas, num total de 36 estagiários – sujeitos das interlocuções, em que foram facultadas as autorias nos registros escritos. Organizados em cinco quadros sinópticos, versam sobre os enunciados referentes às formulações propostas. Os Quadros 1 e 2 abordam a recorrência enunciativa em percentuais à direita, em ordem da maior para a menor incidência. Apresentamos a seguir, os detalhamentos:

<i>Onde você costuma ir aos finais de semana?</i>		<i>Recorrência dos enunciados</i>
1	<i>cinema</i>	52,7 %
2	<i>festa e baladas</i>	33,3%

3	<i>retornar à cidade onde família mora</i>	30,5%
4	<i>não saio/ são dias para estudar</i>	25%
5	<i>visitar parentes e amigos</i>	22%
7	<i>jantar e restaurante</i>	19,4%
7	<i>shopping center</i>	19,4%
8	<i>barzinhos</i>	16,6%
9	<i>igreja/ centro espírita</i>	8,3%
9	<i>contato com a natureza</i>	8,3%

Quadro 1. Os enunciados dos estagiários acerca do que costumam fazer nos finais de semana.

Além desses, outros enunciados expressam-se nos discursos, porém de forma mais pontual, tais como: “*sorveteria*”, “*clube*”, “*teatro*”, “*eventos musicais*”, “*intervenções artísticas de ‘cultura de rua’*”, “*treinar rugby*”, “*jogar vôlei*”, “*ida ao Zoológico*”, “*Peirópolis*”, “*Parque*” e “*Biblioteca*”.

	<i>O que você costuma fazer com sua família para se divertir?</i>	<i>Recorrência dos enunciados</i>
1	<i>idas a restaurantes/almoço/churrasco</i>	36,1%
2	<i>reuniões com pais e familiares</i>	27,7%
2	<i>viagens</i>	27,7%
3	<i>visitar parentes</i>	22,0%
4	<i>assistir filmes e TV</i>	16,6%
5	<i>passeio em ambientes naturais</i>	11,1%
6	<i>ida ao clube</i>	8,3%
6	<i>ficar em casa</i>	8,3%
7	<i>convívio com amigos</i>	5,5%
7	<i>lugares de recreação/ parque</i>	5,5%

Quadro 2. Os enunciados acerca do que os estagiários costumam em momentos de diversão familiar.

O quadro anterior (quadro 2) apresenta os enunciados referentes à práticas de diversão familiar. Além dos expostos, outros são identificados também de forma pontual, como: ‘*cinema*’, ‘*igreja*’, ‘*jogar baralho*’, ‘*nadar no rancho*’, ‘*andar a cavalo*’, ‘*sair junto com os cachorros*’, ‘*museu*’ e ‘*teatro*’.

No terceiro tópico “*Você já foi a algum museu?*”, 83,5 % dos estagiários disseram que SIM e 16,5 % disseram NÃO ter ido a nenhum museu. Com relação à segunda parte da questão [quais?], 10 estagiários citam o Museu Paleontológico de Uberaba⁶ [Museu dos Dinossauros também conhecido como Museu de Peirópolis], localizado em um distrito de Uberaba/MG, cinco estagiários apontam Museu do Café – USP [Ribeirão Preto/SP] e Museu da Língua Portuguesa [São Paulo – SP], quatro estagiários citam o Museu de Arte Decorativa/MADA⁷ e apenas dois apontam a Casa de Memórias e Lembranças Chico Xavier. Ainda que citados pontualmente, além desses, há uma relação de locais, desde igrejas a localidades, como por exemplo: Guaíra – SP, sem especificar a instituição. Não foi citado “*quando*” e com relação aos objetivos, os estagiários explicitam “*ter feito a visita com professores de disciplinas passadas, anteriores*”, “*ido com as atividades do PIBID*”⁸, “*... nas atividades de monitoria*” e “*passeio*”, dentre outras.

⁶ Instalado no prédio da antiga estação ferroviária, construída em 1889 em estilo inglês. In: <http://www.uftm.edu.br/proext/cccp/museu-dos-dinossauros> acessado em 20 de janeiro de 2017.

⁷ Fazenda do ano de 1916. Seu acervo conta com uma biblioteca, móveis e porcelana inglesa da década de 20. In: <http://www.uberaba.mg.gov.br/portal/conteudo,619> acessado em 20 de janeiro de 2017.

⁸ Programa de Bolsa de Iniciação a Docência criado pelo Ministério da Educação Brasileiro (BRASIL, 2007) e implementado pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) com o intuito de elevar a qualidade da formação de professores nas licenciaturas.

No item “*Você conhece algum museu que fale sobre ciências? Quais?*”, dos 36 estagiários, 21 responderam que SIM (58,4%) e os demais – 15 estagiários (41, 6%) disseram NÃO conhecer um “*museu que fale sobre ciências*”. Destacamos que encontramos 33,3% dos enunciados dos estagiários **não** identificando o Museu dos Dinossauros como um “*museu que fale sobre ciências*”, mesmo tendo respondido positivamente ao parágrafo anterior – “*Você já foi a algum museu?*”.

No quinto e sexto tópicos “*O que são museus para você? Para que você acha que existem essas instituições? A que os museus se dedicam?*” e “*Quais as suas funções?*”, os enunciados dos estagiários retratam os museus... “*onde o aprendizado é diferente de uma escola, um lugar que preserva e conserva a memória*”, “*histórico, aberto para visitação, de pesquisa*”, “*lugares que transmitem emoções*”, “*com a finalidade de educação, lazer e pesquisa*”, “*proporcionar um maior contato... atingir o interesse de públicos diversos*”, “*lugares onde se aprendem sobre vários temas, através de observação e intera o*”, dentre outros. A seguir, o Quadro 3, com os enunciados dos estagiários:

<i>O que são museus para você?</i>	<i>Para que você acha que existem essas instituições?</i>	<i>A que os museus se dedicam?</i>
<i>lugar onde o aprendizado é diferente de uma escola</i>	<i>auxiliam no descobrimento de inúmeras obras</i>	<i>guardar e mostrar relíquias</i>
<i>lugar que preserva e conserva a memória</i>	<i>diversificar o conhecimento</i>	<i>transmitir histórias</i>
<i>guarda a memória da história do mundo, destinado ao estudo</i>	<i>meio de comunicação com o público</i>	<i>divulgação científica</i>
<i>espaço cultural, repleto de arte que relembra algo que já existiu</i>	<i>exibir monumento, quadro</i>	<i>enriquecer culturalmente a sociedade, preservar memória e história</i>
<i>lugares que transmitem emoções</i>	<i>preservar e transmitir conhecimentos</i>	<i>guardar/ preservar</i>
<i>fontes de informação</i>	<i>preservar a história, a memória</i>	<i>proporcionar um maior contato... atingir o interesse de públicos diversos</i>
<i>armazena o conhecimento e o transmite</i>	<i>trazer diferentes percepções de hábitos</i>	<i>divulgar conhecimentos e história</i>
<i>lugares interativos onde obras são expostas</i>	<i>expor ideias, fotos, textos</i>	<i>passar conhecimento</i>
<i>lugar histórico, aberto para visitação, pesquisa</i>	<i>levar conhecimentos...guardar um pouco da história vivida</i>	<i>fins culturais e educacionais</i>
<i>existem com a finalidade de educação, lazer e pesquisa</i>	<i>conservação de uma história ou cultura</i>	<i>transmitir conhecimentos</i>
<i>aproximação e retratos de culturas</i>	<i>para o ensino, observação, questionamento de diversos temas</i>	<i>levar informação</i>
<i>lugares onde se aprendem sobre vários temas, através de observação e intera�o</i>	<i>com a finalidade de educação, lazer e pesquisa.</i>	<i>evolução das coisas</i>
<i>conhecer o passado através de objetos em exposição, na qual posso tocar, ver, ler etc</i>	<i>para disseminação de informações e cultura</i>	<i>educar e transmitir informações</i>
<i>local onde buscam o conhecimento do passado e do presente</i>	<i>para contar histórias e fatos</i>	<i>guardar as marcas da história para mostrar</i>

Quadro 3. Os enunciados dos estagiários sobre o sentido de Museu (função e objetivo).

A análise da segunda parte do t pico (6) surpreende por muitas ausências, em que alguns enunciados expressam “... *públicos diversos*”, “... *pessoas interessadas*”, “... *na maioria estudantes que se interessa pela área*” e somente um enunciado faz referência sobre a *necessidade de condições financeiras* para ter acesso estas práticas sociais. A seguir, o Quadro 4, com maior detalhamento dos enunciados dos licenciandos:

<i>Quem são seus visitantes?</i>
<i>...públicos diversos</i>
<i>...creio que todos atendem todos os públicos</i>
<i>...acesso ao máximo de público que puder alcançar</i>
<i>...todas as pessoas podem querer...</i>
<i>...qualquer pessoa que tenha interesse</i>
<i>...pessoas interessadas em ter contato com novas realidades</i>
<i>acredito que na maioria estudantes que se interessa pela área</i>
<i>...seus visitantes mais frequentes são estudantes</i>
<i>... qualquer pessoa que tenha curiosidade (em alguns casos condição financeira também)</i>

Quadro 4. Os enunciados dos estagiários sobre o público dos museus.

No item 7 – “O que você gostaria de ver em um museu?” – de um modo geral, os enunciados são reveladores de temas específicos da área de educação em ciências ligados principalmente a temáticas características do curso onde se encontram inseridos [ciências biológicas] com ênfase na Bioexposição, com apenas um manifestando o desejo de conhecer a “*história cinematográfica*”. Por outro lado, muitos enunciados expõem sentimentos e percepções agradáveis, embora pouco citadas as sensações em Parques e Matas, Praças, Jardim Zoológico etc. São elas: “... *acho todas as exposições fascinantes*”, “... *tudo que puder ser passado à diante, conhecimento*”. Poucos expressam a necessidade de “*mais pesquisas e museus além de assuntos científicos*”, além de outros apresentarem timidamente, críticas e sugestões voltadas para as estruturas desses espaços, tais como: “*mais dinâmicos*”, “*lugar que seja atrativo*”, “*espaço interativo com iluminação adequada*”, “*algo que empolgue*” e “*maior interação entre objetos e seus observadores*”. A seguir, alguns fragmentos dos enunciados:

<i>O que você gostaria de ver em um museu?</i>	
<i>Temas definidos</i>	<i>Sem temática definida</i>
<i>assuntos relacionados à evolução e Darwin</i>	<i>qualquer exposição – acho todas fascinantes</i>
<i>aquário</i>	<i>diversos assuntos ...tudo que puder ser passado à diante, conhecimento</i>
<i>a exposição do Castelo Ra – Ti – Bum</i>	<i>informações, materiais</i>
<i>relacionando saúde, corpo humano ou animais</i>	<i>mais pesquisas e museus</i>
<i>evolução comparativa entre diversas espécies de aves</i>	<i>pesquisar mais sobre os conteúdos abordados na visita</i>
<i>animais (vertebrados, invertebrados)...gosto de ver como eles evoluíram</i>	<i>assuntos científicos, animações</i>
<i>Museu de Zoologia ou de Botânica</i>	<i>maior interação entre objetos e seus observadores</i>
<i>História do cinema</i>	<i>mais dinâmicos</i>
<i>perspectiva real do futuro do Planeta Terra</i>	<i>lugar que seja atrativo, espaço interativo com iluminação adequada.</i>
<i>a constituição de todo o corpo humano</i>	<i>algo que empolgue</i>
<i>as culturas de animais primitivos</i>	<i>objetos inusitados de época passada</i>
	<i>surpreender com o que vejo</i>
	<i>maior interação entre objetos com os seus observadores</i>

Quadro 5. Os enunciados sobre o que os estagiários gostariam de ver em um museu.

Compreensão sobre a multiplicidade de vozes presentes nos discursos dos estagiários

Por considerarmos que a significação se produz na dinâmica das interações dialógicas, privilegiamos o enfoque enunciativo-discursivo como quadro teórico-metodológico de referência ao subsidiar questões investigativas sobre a construção de sentidos acerca do caráter social e educativo dos contextos não escolares. Assim sendo, ressaltamos os processos de enunciação como lugar de construção de conhecimento e significação. O sentido da instituição museal no *corpus* analisado é percebido quando consideradas e reveladas as variedades de apropriação e usos provocados por estes contextos: “...*lugar onde o aprendizado é diferente de uma escola*”, “...*lugar que preserva e*

conserva a memória”, “...existem com a finalidade de educação, lazer e pesquisa”, “... divulgar conhecimentos e história”.

Entretanto, precisamos ponderar sobre os processos promotores da aproximação e/ou do distanciamento entre sujeitos, grupos específicos e contextos não escolares. Quando em seus enunciados, os estagiários elencam como prioridade ir a cinema, festas, baladas, restaurantes etc e apenas um discente destaca o perfil do visitante como aquele que “... *que tenha curiosidade (em alguns casos condição financeira também)*”, necessitamos (re)pensar a relação dialógica entre instituições, em que licenciandos tornam-se elementos estruturantes de atividades voltadas para contextos não escolares.

Dando continuidade a nossas indagações, procuramos também refletir sobre a importância das práticas sociais, como se entrelaçam na construção de *lugar social* e de *alteridade*; quais os indícios de marcas enunciativo-discursivas de outras redes sociais fora da família e da escola (como instituições museológicas) na constituição de sentidos e de identidade profissional na área de educação em ciências. Destacamos um enunciado “... *pesquisar mais sobre os conteúdos abordados na visita*” que nos remete a reflexões sobre um dos objetivos propostos no oitavo tópico. Neste último ponto – “*Em sua opinião, de que maneira pode ser estabelecida uma relação educativa entre museu e escola e entre escola e museu?*” –, os enunciados assinalam timidamente prescrições sobre as ações educativas na relação Museu – Escola: “*ilustração e vivência dos conteúdos aplicados, como por exemplo, os animais extintos*”, “*mudando olhar do presente e do passado*” e “... *ver algo explicado na escola*” e na relação Escola – Museu: “*abordar em sala de aula e observar no museu*”.

O resultado investigativo fornece um cenário inicial sobre as tipologias dos museus conhecidos e/ou frequentados por licenciandos e ratifica a discussão proposta em Brasil (2009), com as seguintes tipologias encontradas: primeiramente, os enunciados ressaltam “*Museu como lugar de memória – o lugar social da memória*”; em seguida, “*Museu como espaço de pesquisa e produção de conhecimento – o visível e o invisível no museu*” e de modo incipiente, os significados de “*Museu como espaços de cidadania – os museus e seu público*”.

CONSIDERAÇÕES GERAIS E PROPOSIÇÕES FUTURAS

De acordo com Marandino (2003), a proposta de incorporar conteúdos relacionados aos espaços não formais de educação na formação inicial possibilita ampliar os espectros de atuação competente do profissional de educação em ciências. Contudo, em que medida estas propostas de incorporação contribuem para (re)pensar o entrelaçamento entre o componente curricular “Estágio Supervisionado” e a educação em contextos não escolares? Qual a efeito desses entendimentos para (re)significarmos a relação entre formação inicial docente, alteridade, experientiação em espaços museológicos e relação de aprendizagem-ensino? Reiteramos que diferentes visões podem ocorrer, já que a produção de sentidos advindas da cultura de visitas a espaços museais, em contextos não escolares acontece de maneiras distintas no contexto familiar de cada um dos estagiários. Buscamos apostar no encontro com *o outro* como abertura das relações de pesquisa/aprendizagem/ensino marcadas pelo exercício da *alteridade*, com necessidade de discussão e principalmente de construção de sentidos e apropriação dos significados advindos da relação entre as ciências e o museu.

Apoio **FAPEMIG**

Referências

BAKHTIN. M.M. (Volochinov) *Marxismo e Filosofia da Linguagem*. 3ª Ed. São Paulo: Editora HUCITEC. 1986 (original russo de 1929).

BAKHTIN, M. M. Apontamentos de 1971–1972. In: BAKHTIN, M.M. *Estética da criação verbal*. Trad. Paulo Bezerra. São Paulo: Martins Fontes. 1979/2003. p. 367 – 392.

BRASIL. SECRETARIA DE EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA. MEC. SALTO PARA O FUTURO. **Museu e escola: educação formal e não-formal**. Ano XIX, nº 3, Maio. 2009.

COHEN, M. C. R.; MARTINS, I. Discursos de profesores de los ciclos iniciales de enseñanza primaria acerca de las relaciones entre escuela, salud y medio ambiente. *Enseñanza de las Ciencias. Revista de investigación y experiencias didácticas*. Volumen 26, Número 1, 2008. p. 53 – 65.

BARZANO, M. A. L. Educação não-formal: apontamentos ao Ensino de Biologia. **Ciência em Tela**. V. 1, n. 1, 2008.

FARACO, C. A. O dialogismo como chave de uma antropologia filosófica. In: FARACO, C. A.; TEZZA, C.; CASTRO, G. (orgs.) *Diálogos com Bakhtin*. 3ª Ed. Curitiba: Editora da UFPR. 2001. p. 113 – 126.

GARCIA, V. A. R.; MARANDINO, M. Levantamento preliminar dos programas de educação dos zoológicos brasileiros que utilizam material biológico em suas atividades. **Anais do II Encontro Regional do Ensino de Biologia**, Rio de Janeiro: UFF. 2003. p. 159-162.

ICOM. **Estatutos - Código de Deontologia Profissional**, ICOM. 1997.

MARANDINO, M.; SELLES, S.E.; FERREIRA, M.S. **Ensino de biologia: histórias e práticas em diferentes espaços educativos**. São Paulo: Editora Cortez. 2009.

MARANDINO, M. A formação inicial de professores e os museus de Ciências. In: SELLES, S. E.; FERREIRA, M. S. **Formação docente em Ciências: memórias e práticas**. Niterói: EdUFF. 2003. p. 59-76.

PUGLIESE, A; MARTINS, L.C.; LOURENÇO, M. F. Planejando uma atividade no museu: a formação de professores para a visita escolar a exposições de ciências. In: MARANDINO, M.; CONTIER, D. (Orgs) **Educação Não Formal e Divulgação em Ciência: da produção do conhecimento a ações de formação**. São Paulo: Faculdade de Educação da USP. 2015. p. 23–30.